

A CAPOEIRA NO BRASIL

META

analisar a prática da capoeira, seus significados e suas mudanças

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

perceber as transformações por que a capoeira passou ao longo dos anos

PRÉ-REQUISITOS

o aluno deverá ter compreendido as repressões que sofreram algumas práticas culturais dos negros, como o batuque e o candomblé.



(Fontes: <http://www.cabecadecuia.com>)

INTRODUÇÃO

Ao estudar a história da capoeira perceberemos a existência dos mais diversos projetos do Estado, sejam de repressão ou não, como também os diferentes discursos para a prática, indo da tolerância à perseguição. No pós-Guerra do Paraguai os capoeiras cariocas foram valorizados pela sua participação na guerra, posteriormente, com o advento da república a prática da capoeira passou a ser crime através do código Penal de 1890. Na década de 30 do século XX, surgem as capoeiras Angola e regional, ambas se contrapondo a uma capoeira ancestral que, segundo os discursos da repressão, era praticada por desordeiros e valentões. Atualmente há grupos de capoeira que defendem o término da dicotomia, angola x regional, mas sim uma fusão denominada de angonal ou atual. (LEAL, 2005) Recentemente, no campo do Estado a capoeira passou a fazer parte dos bens que foram tombados pelo patrimônio nacional, ou seja, é o reconhecimento que esse saber é um símbolo da identidade nacional. Ressalta-se que no processo de tombamento é necessário fazer um inventário que resulta em um dossiê. Na pesquisa foram priorizadas as cidades do Rio de Janeiro, Recife e Salvador por conta de serem portuárias e os pesquisadores acreditam que a prática da capoeira está relacionada ao cotidiano do porto.



Grupo de mulheres capoeiristas
(Fontes: <http://gazetaweb.globo.com>).

Os historiadores que apontam a existência da capoeira desde o início do século XIX, analisam a capoeira em várias localidades dentre elas, Rio de Janeiro, Belém, Salvador, Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco. Nesta aula veremos alguns elementos dessa prática em Belém, Rio de Janeiro e Salvador, três experiências que possuem semelhanças e distinções, e irei apontar algumas delas. Inicialmente esboçarei alguns aspectos sobre os estudos da capoeira. Em seguida, pontuarei algumas informações sobre os praticantes, como também da relação entre capoeira e repressão dentre outros aspectos nos locais citados.

ESTUDOS SOBRE A CAPOEIRA

A capoeira inicialmente não despertou a atenção dos historiadores, por isso os primeiros a mencionar ou descrever a capoeira foram os literatos, memorialistas e etnógrafos.

Nesse contexto temos o livro “O cortiço” de Aluísio de Azevedo, de 1890, Nesse livro ele descreve as proezas e conflitos de Firmo, um mulato, capoeirista, ágil e amante da Rita Baiana. Firmo nasceu no Rio de Janeiro, e através de Firmo, o autor também mostra a relação da capoeira com a política. Pois o mulato fez parte das maltas de capoeiras, ajudando alguns grupos políticos a ganharem as eleições. Aluisio também indica alguns instrumentos que os capoeiras utilizavam, como a navalha. Como também uma hierarquia existente na capoeira, pois o Porfiro era mestre na capoeiragem. (AZEVEDO, 1997)

O capoeirólogo Luis Augusto Leal também cita inúmeros literatos paraenses que descrevem façanhas dos valentões em Belém como Carlos Victor Pereira no seu livro “Belém Retrospectiva” que trata da capital paraense no final do século XIX e início do XX. Outro exemplo dessas obras é o poema “Pai João” de Bruno de Menezes. (LEAL, 2008)

Alguns dos nossos estudiosos da cultura afro-brasileira, citados em aula anterior, ao descrever as culturas africanas e afro-brasileiras não tiveram interesse na capoeira, um deles foi Nina Rodrigues no seu livro Africanos no Brasil. Além da religião ele se preocupa com as danças, os batuques e cita alguns aspectos do carnaval, mas não menciona a capoeira. (RODRIGUES, 2004)

O historiador Josivaldo Pires menciona que um dos primeiros etnógrafos a se preocupar com a temática da capoeira foi Manuel Querino. Este menciona que o capoeira era um sujeito desconfiado, um personagem das ruas, o seu lazer e trabalho ocorria nesse espaço. Ainda segundo Querino, a origem da arte marcial vinha dos de africanos-angola, e por fim menciona o uso do berimbau e o termo brinquedo para a capoeira. Querino também cita nomes de lugares que se brincava a capoeira e algumas cantigas. (PIRES, 2005) No livro A raça africana e os costumes na Bahia, Querino também afirma que dos angolas herdamos o capadócio ou a capoeira . (QUERINO, 2006)

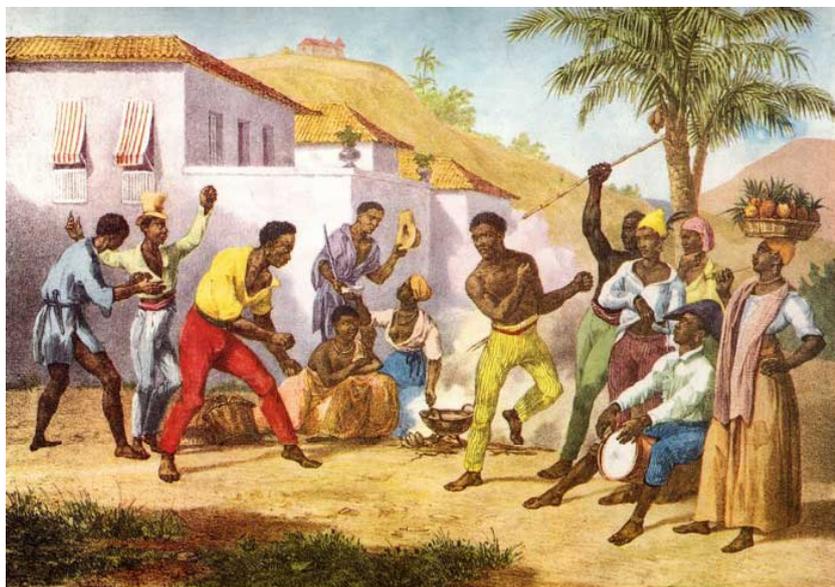
Outro etnógrafo que dedicou algumas páginas à capoeira foi o Edison Carneiro no seu livro Sabedoria popular. Na obra, há uma parte referente aos negros bantus que possui um texto denominado de Capoeira de Angola. E da mesma maneira que Querino, atribui a origem da capoeira aos angolas. E que na Bahia o jogo se chamava vadiação. Na vadiação se divertiam e lutavam. Carneiro, citando Querino, afirma que o capoeira era um sujeito valente e que usava argola de ouro. E que ainda no Império ocorreram perseguições aos vadios, e por isso o presidente da Província mandou os mesmos para a Guerra do Paraguai. Cita alguns capoeiras famosos como Besouro de Santo Amaro, o Mangagá. E por fim, se debruça sobre a roda da capoeira angola. (CARNEIRO, 1957)

No final do século XX surgiram alguns trabalhos feitos por historiadores sobre a capoeira. Alguns desses estudos utilizam arsenal teórico da História Social, como a dissertação de mestrado de Antonio Liberac C.S. Pires intitulada “A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro”, ou ainda a dissertação de mestrado de Luis Augusto P. Leal e a de Josivado Pires, respectivamente “A política da capoeiragem: A história social da capoeira e do Boi-Bumbá do Pará Republicano” (1888-1906) e “No Tempo dos Valentes: os capoeiras na cidade da Bahia”. Por fim, outro trabalho acadêmico sobre a temática é a tese de doutorado de Carlos Eugênio Líbano Soares intitulada “capoeira escrav”a. Esses trabalhos utilizaram diversas fontes históricas, dentre elas a literatura, e os ensaios dos etnógrafos e memorialistas, além dos jornais e processos-crime e versam sobre a capoeira no Rio de Janeiro, Salvador e Belém. Josivaldo Pires, por exemplo, chegou aos capoeiras que atuaram na Bahia Republicana através de um cruzamento de fontes, que incluía a literatura, memórias de capoeiras com os nomes dos capoeiras que viveram em períodos anteriores, além das ocorrências policiais, processos e notas de jornais. Esse leque diversificado foi necessário porque em boa parte da documentação não existia o nome capoeira, mas sim, desordeiro, vagabundo ou vadio. Alguns desses trabalhos acadêmicos que foram citados foram os principais subsídios para essa aula.

QUEM ERAM OS CAPOEIRAS OU VADIOS

Carlos Eugênio Soares afirma que os capoeiras cariocas da primeira metade dos Oitocentos eram majoritariamente escravos e muitos deles africanos. A maioria dos africanos eram classificados e se identificavam como cabindas, congos e benguelas, mas também havia africanos de outras regiões. Assim para o mencionado autor a capoeira era uma prática de africanos e crioulos, os filhos dos africanos. Soares afirma que a capoeira tem diversos pais africanos. Pois encontrou referências de danças marciais em Angola, o n’golo, de uma dança da guerra entre os congos dentre outras.

E em outros países da América Latina há danças ou lutas com semelhanças com a capoeira de origem escrava, na Venezuela, na Martinica a Lagya e em Cuba o mani. (SOARES, 2002)



Rugendas capoeira

Ocorreram mudanças na segunda metade do século XIX e a capoeira teria passado por um processo de criouliização. No período citado, no Rio de Janeiro havia além dos negros, brancos livres e estrangeiros praticando a capoeira. (SOARES, 1999) E esse foi o perfil dos praticantes de capoeira em outras localidades na segunda metade dos Oitocentos. Em Recife, havia um grande número de escravos, libertos e alguns brancos praticando a capoeira. (MAIA, 1995)

Em Belém, no final do século XIX, havia alguns bairros que tinham uma população majoritariamente negra, cabocla e nordestina, nesses moravam os capoeiras o que indicia que alguns dos capoeiras da cidade de Belém estavam entre essas categorias. Residiam nos bairros de Jurunas e Umarizal, localidades tidas como perigosas e dentre os motivos para esse discurso estava o fato de residir capoeiras. Dentre os capoeiras nordestinos que viviam em Belém os pernambucanos ou os que viviam em Pernambuco possivelmente eram majoritários. Já que nos jornais paraenses fizeram menção à chegada de capoeiras pernambucanos a Belém. Por fim, Leal também aponta para a existência de portugueses praticando a mencionada arte na cidade citada, como José da Costa. (LEAL, 2008)

Em Salvador, Bahia, os nomes dos capoeiras bem como as descrições encontradas nos laudos periciais, dão indícios de quem eram os capoeiras, pois havia capoeira com o nome de Mata Escura, Pedro Mineiro (nascido

em Minas Gerais) e Inocência Sete Mortes que foi descrito como mestiço de cabelos encaracolados.(PIRES, 2005)

Quanto aos ofícios dos chamados de vagabundos, na Salvador republicana, eles eram estivadores, carregadores, peixeiros, pescadores e trabalhadores da construção civil. (PIRES, 2005) Em Belém, as atividades exercidas pelos chamados de “vagabundos” eram muito próximas às já citadas, atividades ligadas ao porto, embarcações, às docas, uma minoria eram os que não trabalhavam. Com isso se percebe que vagabundos era o discurso aplicado, pois, legalmente, eles não podiam ser acusados como vagabundos, pois desempenharam funções (LEAL, 2008). Em Recife, nos oitocentos, os capoeiras eram ferreiros, serralheiros, carregadores de fardo e negros de ganho. (MAIA, 1995)

Sobre a idade dos capoeiras da primeira metade dos Oitocentos no Rio de Janeiro, Soares especula que tinham possivelmente entre 18 e 20 anos, lembrando que boa parte dos africanos chegavam nas terras brasileiras entre 12 e 15 anos. Assim, o africano capoeira era um escravo ladino, ou seja, se transformava em capoeira e se inseria nas maltas após um tempo da sua chegada das terras africanas. Era necessário um tempo para esse africano re(socializar). Os crioulos tiveram um papel fundamental nesse processo e começavam a arte de capoeirar mais novos (SOARES, 2002).

Soares também informa que as idades dos praticantes de capoeira do Rio de Janeiro, presos em 1890, eram de 17 a 58 anos, mostrando que houve uma ampliação na faixa etária dos capoeiras cariocas. (SOARES, 1999). Em Belém, as idades eram diversas. Possivelmente tinham meninos, nos jornais de Belém aparecia a expressão troça de meninos vadios. Segundo Leal, a faixa etária dos capoeiras na mencionada cidade era entre 18 e 42 anos, todavia a maioria concentrava-se entre 20 e 30 anos.(LEAL, 2008)

A capoeira também foi praticada por mulheres no Rio de Janeiro, Belém e possivelmente em Salvador, apesar de ser associada ao mundo masculino por conta das ações brutais e da constituição física dos capoeiras. As mulheres em Salvador tinham conflitos com homens e mulheres, e dentre os homens estavam os capoeiras e os policiais. Algumas delas foram presas como desordeiras por causarem ou se envolverem em conflitos e ainda por bebedeiras. As mulheres que eram classificadas como vagabundas ou endiabradas nas colunas dos jornais, eram mulheres comuns que tinham seus filhos, trabalhavam nas ruas como doceiras, quituteiras, floristas ou prostitutas e se transformavam em vagabundas através das notas dos jornais ao se envolverem em conflitos. Algumas delas manuseavam com destreza a navalha, como a Adelaide Presepeira e andavam em grupo com outras mulheres. Por fim, algumas delas também andavam com homens capoeiras. Citando Waldeloir Rego, Pires relembra Salomé, que era sambista e capoeira valente na capital baiana. Por esses motivos, Josivaldo Pires especula que algumas das mulheres taxadas de desordeiras ou vagabundas nos jornais ou

nas ocorrências policiais eram capoeiras como Chicão, apelido de Francisca ou a Cattú. Assim, essas mulheres romperam com o papel de mulher passiva imposto pela sociedade (PIRES, 2005).

Em Belém, a capoeira era aprendida em escolas, alguém ensinava para alguém, ou seja, havia um mestre. As aulas exigiam disciplinas e ocorriam muitas vezes nas ruas, praças e até mesmos no interior do arsenal (LEAL, 2008). instrumentos e golpes que utilizavam e os momentos e locais que se brincava ou lutava a capoeira

Um grosso cacete juntamente com a navalha eram os instrumentos utilizados pelos capoeiras em Belém. Houve alterações nos instrumentos usados e os negros incluíram instrumentos dos portugueses como facas e paus, tanto em Belém como no Rio de Janeiro. Em Salvador e Recife, além da navalha já citada também usavam facas e facões. (LEAL, 2008; MAIA, 1995; PIRES, 2005; SOARES, 2002)

Em Belém a capoeira era praticada ao som do violão e do cavaquinho, instrumentos como berimbaus foram acrescentados no século XX. Já na Bahia há referência ao berimbau no final do XIX. (LEAL, 2008; PIRES, 2005)

Em Belém, a capoeira era praticada nas praças e mercados, como o Ver-o-Peso, ou seja, locais abertos, pois se faz necessário espaço para realizar as acrobacias bem como eram locais que facilitavam a fuga da polícia. Outros lugares que se encontrava essa prática era próximo aos quartéis, arsenais e palácios. O que evidencia que algumas das pessoas que praticavam capoeira pertenciam a essas repartições. (LEAL, 2008)

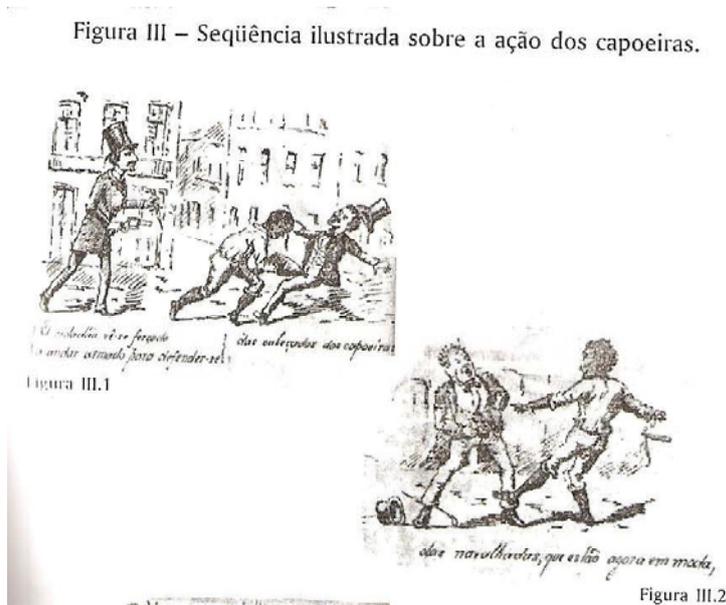
A capoeira em Belém era uma diversão domingueira, que também ocorria à noite durante a semana ou em algum momento de folga do trabalho, enquanto se esperava um barco para carregar, por exemplo. No entanto, durante a noite era mais fácil despistar os policiais. Em muitas dessas ocasiões a capoeira era uma prática de lazer. (LEAL, 2008)

No Rio de Janeiro a capoeira também era praticada nas ruas. Da mesma maneira ocorria em Salvador. As ruas eram um espaço de lazer, conflito de trabalho e de encontro para os capoeiras. Na capital baiana os lugares de atuação desses capoeiras eram a Praça da Sé, Mercado e o Distrito do Pilar. Nessas regiões os capoeiras residiam e trabalhavam. Além das ruas, os personagens em pauta também frequentavam botequins e armazéns, locais que também se envolviam em conflitos e por isso usavam a arte da capoeira. Segundo Josivaldo Pires essas localidades constituíam o universo da capoeiragem. Nesses locais além de capoeiras também existiam outras categorias das camadas populares como mulheres ambulantes e as prostitutas. Com as últimas, os capoeiras se envolveram em inúmeros conflitos, além dos que possuíam com os policiais (que os capoeiras desafiavam), marinheiros e outros capoeiras. Com esses conflitos também ocorriam tanto nas rodas de capoeiras, quanto nas brincadeiras. (PIRES, 2005; SOARES, 2002)

No início do século XIX, no Rio de Janeiro, o assobio era um elemento

identificador da capoeira, os pretos assobiavam para avisar a aproximação de grupos distintos ou de policiais. Outro elemento que era associado aos capoeiras na capital federal foram as cabeçadas, além dos chapéus e as fitas amarelas e encarnadas que identificavam as maltas. Segundo Josivaldo Pires, as cabeçadas e a navalha eram elementos identificadores dos capoeiras em Salvador. Em Belém, além das cabeçadas e navalhas também se faz referência aos rabos de arraia e às rasteiras. (LEAL, 2008; PIRES, 2005; SOARES, 2002). Ressaltamos também que encontramos conflitos entre escravos e policiais em Sergipe. E em um desses conflitos há menção a cabeçadas. Em Lagarto, em 1861, Francisco, escravo de João de Aguiar Telles, foi resolver negócios do seu senhor quando recebeu “voz de prisão”. Ele resistiu com “cabeçadas e empinões”, tendo sido necessárias quatro pessoas para prendê-lo; os golpes por ele utilizados se assemelhavam aos feitos por capoeiras em outras localidades. Um estudo sobre o assunto nas terras sergipanas analisará a mencionada prática e suas características.

Figura III – Sequência ilustrada sobre a ação dos capoeiras.



Jornal A Semana Ilustrada, 6 de Abril de 1888 Belém - PA

(Fonte: LEAL, Luiz Augusto P. A política da capoeiragem: A história social da capoeira e do Boi-Bumbá do Pará Republicano (1888-1906). Salvador: EDUFBA, 2008. p.209).

No Rio de Janeiro, no alvorecer dos Oitocentos, a maior parte das ocorrências de capoeira foi proveniente de conflitos entre pretos, escravos, libertos ou livres. Para Soares, a capoeira era um elemento importante no jogo de poder entre os escravos. (SOARES, 2002)

Havia rixas entre os moradores dos bairros em Belém, e nos conflitos entre os moradores a capoeira assumia um papel de luta. Em Salvador também havia disputas por espaços entre os capoeiras. Eles tinham seus territórios, lugares que exerciam seus poderes, e na luta por conquista e/ou manutenção do poder a capoeira era utilizada. (PIRES, 2005) De maneira

próxima a que ocorria no Rio de Janeiro, em Salvador também havia as maltas e Caboclinho era um dos líderes.

Portanto, a capoeira era um conhecimento sobre o uso do corpo usado para se defender, que serviu para atenuar a escravidão, como também transformando o capoeira em um valente, mas a mesma capoeira também era um mecanismo de diversão.

A RELAÇÃO COM OUTRAS PRÁTICAS POPULARES E RELIGIOSAS

No Rio de Janeiro Oitocentista, os capoeiras lutavam e se divertiam durante as festas de Natal, Semana Santa e das irmandades, ou seja, em parte, utilizavam o calendário religioso para praticarem a capoeira. No mês de fevereiro, durante o entrudo, os capoeiras intensificavam suas atividades. As maltas de capoeira se exibiam nos eventos do Império, saíam à frente de bandas e procissões. Segundo Soares, esses eventos públicos eram momentos que se faziam ritos de iniciação com os novos integrantes da arte de capoeirar. Em Belém não foi diferente; os vadios também exibiam a sua arte marcial na frente das procissões e desfiles cívicos. (LEAL, 2008; PIRES, 2005; SOARES, 1999)

Em Belém, os capoeiras eram fundamentais para a existência dos boi-bumbá, nos momentos de disputas entre bois rivais. A rivalidade entre os bairros atingia os bois que adquiriam as rivalidades das localidades que eram criados, como por exemplo, os bairros de Cidade Velha, Umarizal e Jurunas tinham bois que entravam em conflitos. Os dois últimos citados tinham uma população composta por caboclos e negros, enquanto que o primeiro possuía pessoas de origem portuguesa. Antes dos confrontos, existia um ritual que um boi pedia licença para transitar e o outro boi negava e desafiava o primeiro boi. Nas ocasiões de confrontos os bois que tinham um número menor de capoeiras, ou menos agéis, perdiam os conflitos. O resultado desses conflitos eram pedaços de fantasias nas ruas. Capoeiras como o Pé-de-Bola faziam parte dos bois, o citado era amo dos bois. Os bois se apresentavam no festejos juninos e seus ensaios começavam em maio. (LEAL, 2008)

Em Belém, os capoeiras também faziam parte dos cordões de carnaval, entre esses havia os cordões de pretos e de portugueses. Cabia aos capoeiras fazer as balisas no início dos cordões e proteger os seus integrantes. (LEAL, 2008)

Os capoeiras de Salvador eram parentes de pais e mães de santo, ou desde a tenra idade conviviam com pessoas do Santo. Por isso, eles frequentavam as festas nos terreiros, como o capoeira Rozendo. (PIRES, 2005) A relação entre capoeiras e pais de santo não era uma exclusividade

baiana. Na Corte, nos Oitocentos, o sacerdote Juca Rosa tinha o apoio dos capoeiras guaiamus. E alguns dos frequentadores das suas reuniões eram capoeiras. (SAMPAIO, 2009)

Em Recife, os capoeiras acompanhavam as bandas marciais que comumente acompanhava os eventos religiosos e cívicos. Quando terminava a apresentação das bandas e as mesmas retornavam para os quartéis, começava o conflito com os capoeiras. Quando duas bandas se encontravam ocorria um intenso confronto, e os capoeiras eram os responsáveis por esses conflitos. (MAIA, 1995)

OS ATOS DE REPRESSÃO E A RELAÇÃO DA CAPOEIRA COM A POLÍTICA

Durante o império e no início da República, em Belém, as autoridades tentaram limitar os espaços da prática da capoeira, retirando-a das praças. A ideia era disciplinar e civilizar a cidade. Para Augusto Leal, a capoeira incomodava quando era praticada publicamente, pois era um ato não civilizado. (LEAL, 2008)

Em Salvador, em 1862, o chefe de polícia, João Antônio de A. F. Henrique, ordenou aos subdelegados que reprimissem o jogo ou a luta capoeira. E menciona que o que ocorria na Corte com os capoeiras e que a repressão evitaria uma réplica do fenômeno na capital baiana. O mencionado chefe, já nosso conhecido da aula de candomblé queria extirpar as práticas culturais afro-brasileiras, como o já citado candomblé e a capoeira. (REIS, 2009)

Com o fim da Monarquia, no Rio de Janeiro, começou uma campanha de perseguição e expulsão dos capoeiras. Anteriormente, os capoeiras que tivessem padrinhos políticos escapavam das prisões. João Batista Sampaio, primeiro chefe de polícia do período republicano prendeu os capoeiras, sobretudo os chefes das maltas. Estes foram deportados para outras localidades dentre elas a ilha de Fernando de Noronha. No entanto, a prática não foi extinta na capital federal. (SOARES, 1999) Em Recife, as maltas tinham de vinte a 100 homens, lideradas por um político. (MAIA, 1995)

Em Belém, com o advento da República, a capoeira e outras práticas culturais que fugiam a ordem pública eram tidas como desordeiras, e esse foi o termo utilizado pelas autoridades e na imprensa durante muito tempo. Utilizando à classificação de desordeiros, os capoeiras foram presos e muitos foram denunciados através dos periódicos no período. Os jornais pertencentes às elites criticavam a vadiagem, denunciavam a capoeira e faziam campanhas para que os seus praticantes fossem retirados da sociedade. Os argumentos e motivações para essa perseguição, feita através dos jornais eram a ameaça a ordem pública, a falta de mão de obra para a lavoura e o aumento da criminalidade. Junto aos capoeiras também estavam as prostitutas e juntamente com os primeiros era taxadas de desordeiras e

foram perseguidas. Outros termos empregados para ambos eram vadios e vagabundos. Ressalta-se que o termo desordem era aplicado em situações de lazer e de conflito. A capoeira e outras práticas afroculturais foram discriminadas pela elite pelo fato deles adotarem o padrão europeu de cultura. Com isso essa elite implementou reformas urbanísticas baseadas nesses valores, bem como a expulsão dos praticantes de uma cultura negra ou indígena para as localidades mais afastadas. Nesse contexto se inseria os batuques, folguedos de rua e a capoeira. Ressalto que os capoeiras eram também representados como desordeiros, vagabundos e vadios no discurso judiciário. Segundo Leal, em Belém o termo vagabundo podia ser aplicado a uma pessoa que não possuísse uma ocupação como também a pessoa que se envolvia em desordens, mas que tinha ocupações. Ou seja, o termo vagabundo se aplicava a pessoas que desenvolviam atividades que iam de encontro aos interesses da elite paraense. (LEAL, 2008)

No Pará também ocorreu deportação, quarenta pessoas foram deportadas para o Amapá, dentre esses estavam seis mulheres. Nas ocorrências policiais dos deportados estavam embriaguez, desordens e ferimentos para os que foram presos no episódio ocorrido no Apeú, região próxima de Belém. Pelo fato de ainda não existir uma legislação contra a capoeiragem as pessoas eram indiciadas em outros crimes. Já após 1890, ou seja, após a implementação do código que tornava ilegal a prática da capoeira, as autoridades paraenses preferiram indiciar os capoeiras em outros crimes para que a pena fosse aumentada como os já citados. Entre 1888 e 1906, Luís Augusto Leal encontrou apenas dois processos cujo crime foi capoeirar. (LEAL, 2008)

Excetuando os momentos de deportação, havia uma convivência da polícia paraense com a prática da capoeira, mesmo porque havia capoeiras entre os policiais como Manuel da Cunha Vilar. Como também alguns capoeiras que trabalhavam como secretas dos policiais. No entanto, quando a capoeira deixava de ser divertimento e passava a ser conflito a polícia atuava, prendendo os personagens chamados de vadios. (LEAL, 2008)

Em Salvador, a repressão pode ser visualizada através dos conflitos dos capoeiras com os policiais, esses confrontos iam além da repressão à desordem ou à vadiação. Lembrando que no período as teorias em voga pontuavam que negros e mestiços tinham uma tendência natural ao crime. Assim, os capoeiras com suas navalhas significavam um perigo para a população, como também para o processo de civilização. E a maior alegação para as prisões era a vagabundagem. Esse discurso também pode ser visualizado nos jornais que foram utilizados para uma forte campanha contra a vagabundagem. Lembrando que, para a imprensa baiana, dentre os vagabundos estavam os capoeiras. (PIRES, 2005)

Ainda na capital baiana, os capoeiras contaram com a defesa de Cosme de Farias, o pai dos pobres. Vários foram os vadios que foram defendidos pelo rábula citado que preferia emocionar o júri e o juiz que utilizar o aparato jurídico. Entre os capoeiras defendidos estavam o Pedro Porreta e

o Chico Três Pedacos. O Cosme de Farias, além de ser advogado também foi político e pertencia ao grupo dos seabristas. Um aspecto importante da capoeira é a sua relação com a política. A mesma pode ser observada desde o período monárquico. (PIRES, 2005)

No Brasil Imperial, os capoeiras já eram utilizados como capangas políticos em diversos lugares como na capital do Império, Salvador e Belém. Com a chegada da República em alguns locais não houve alterações nesse quadro. A malta Flor da Gente foi fundamental para os resultados das eleições durante o período monárquico e o partido conservador contava com o apoio e trabalhos dos capoeiras no Rio de Janeiro. (SOARES, 1999)

Em Belém, alguns capoeiras, além de serem secretas da polícia, atuavam como capangas políticos e por isso possuíam apadrinhamento. Os capoeiras foram utilizados na política paraense quando as outras estratégias falhavam. A utilização de capoeiras em ações da política também remete ao Império. No entanto, no período republicano, os democratas contavam com capoeiras entre seus cabos eleitorais, dentre esses estavam Cabralzinho e Malaquias. Em alguns conflitos entre democratas e republicanos havia a ação dos capoeiras, provocando arruaças e tiroteios. Mas os confrontos entre os dois partidos chegava até a imprensa, através das matérias publicadas em seus jornais e dos ataques sofridos nas gráficas. Em março 1890, os republicanos denunciaram que os democratas fizeram arruaças no interior, com isso começaram a ocorrer prisões aos capoeiras e a deportação. O estopim ocorreu em setembro do mesmo ano, no Apeú, quando os republicanos foram inaugurar uma estrada de ferro e os democratas iam para a mesma localidade lançar seus candidatos. Houve um grande confronto entre os dois partidos que teve a participação de alguns capoeiras. Após esse conflito os capoeiras foram perseguidos, presos e deportados para o Amapá e outros para Fernando de Noronha. O projeto era retirar os capoeiras de Belém e resolver os problemas de fronteira existentes no Amapá. Os republicanos alegavam que os democratas queriam retornar ao Antigo Regime, ou seja, à monarquia. Essa alegação feita através dos jornais, e servia para justificar a deportação dos capoeiras e de cidadãos que não se envolveram em conflitos. (LEAL, 2008)

Em Salvador ocorreram episódios semelhantes a Belém no entanto as pesquisas até o momento não apontam a existência de deportações. Muitos dos capoeiras faziam serviço de capangagem política para o grupo de **Seabra**, seu governo ficou conhecido como repleto de falcatruas e atos de violência. E alguns desses atos de violência foram praticados por capoeiras, dentre eles Pedro Mineiro e Inocêncio Sete Mortes. Os capadócios eram apadrinhados pelo chefe de Polícia José Alvaro Cova, conhecido como padrinho dos capoeiras. Esses capoeiras desempenhavam papel importante nas eleições e nos comícios públicos. (PIRES, 2005)

Em 1920, em Salvador, ocorreu um grande conflito entre os partidários de Seabra e os adversários. Nesse confronto houve tiros e os acusados foram os secretas seabristas, dentre os acusados de fazer os disparos estava Duquinha, um afamado capoeira. Ele foi preso, no entanto, os soldados

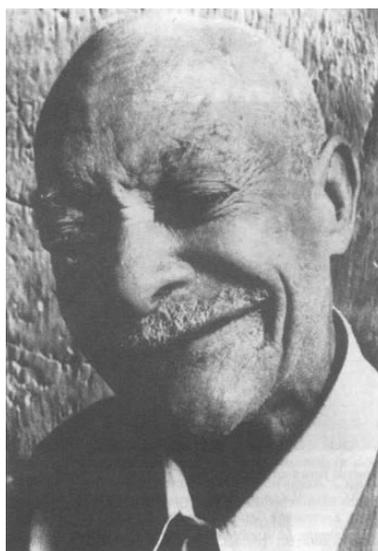
Seabra

Na Bahia quem apoiou nas eleições presidenciais a dupla Hermes-Venceslau foi José Joaquim Seabra que assumiu o governo baiano em 1912. Após o término do seu mandato, ele apoiou Antonio Moniz que devolveu o poder a ele. O sucessor, Antônio Moniz (1916-920), manteve o chefe de polícia do seu anterior, José Alvaro Cova, o padrinho dos capoeiras. JJ. Seabra reassume o poder em 1920 e termina o seu último mandato em 1924.

teriam recebido ordens do chefe de polícia para soltar o capadócio. Outro momento que fica nítido nessa relação de cooperação entre as lideranças políticas e o governo foi no momento do assassinato de Inocencio Sete Mortes, pois Antonio Moniz rendeu homenagens a ele. (PIRES, 2005)

CONCLUSÃO

A capoeira está sempre sendo modificada ou reinventada. Em Belém há indícios da existência da capoeira até os anos 30 do século XX, mesmo com a repressão que sofreu. Já no Rio de Janeiro na década de 20 inicia uma discussão com o intuito de que a capoeira se tornasse um esporte. Já na Bahia, pós 1930, aos poucos a prática da capoeira deixou de estar nas páginas policiais para estar nas páginas esportivas. Na década de 30, começou um processo de valorização da cultura afro-brasileira em Salvador e o resultado dessa mudança foi o 2º congresso Afro-Brasileiro realizado em 1937. Com o 2º congresso Afro-Brasileiro, a capoeira começa a ser mais bem aceita. Nesse congresso houve a participação de intelectuais como Edison Carneiro, líderes religiosos e capoeiristas [Em uma carta para Artur Ramos em 1936, Edison Carneiro já menciona o termo capoeirista]. A ideia de Edison Carneiro em 1936 era a de criar uma União dos Capoeiras da Bahia, no entanto não foi criada, mas o congresso deu outros frutos. (OLIVEIRA, 1987) Após o evento mencionado, são criadas novas estratégias pelos capoeiras, como a de criar escolas e transformar a capoeira em esporte. E é nesse novo contexto que se inserem as estratégias dos Mestres Bimba e Pastinha. (PIRES, 2005) Assim, a capoeira deixa de ser dos vagabundos ou capadócios e passa a ser praticada por mestres de capoeira e ter escolas reconhecidas.



Mestre Pastinha.



RESUMO

A capoeira é uma prática encontrada na Corte desde o alvorecer do século XIX. No entanto, essa prática cultural também ocorreu em diversas localidades como Recife, Salvador e Belém. As categorias das pessoas que praticavam a capoeira foi se modificando, aos poucos deixou de ser algo exclusivo de negros. Todavia, nas localidades citadas a população negra possivelmente foi majoritária na arte de capoeirar. A capoeira sofreu repressão desde o período imperial, no entanto, no período republicano a repressão à capoeira conheceu o seu auge, se tornando-se um crime previsto no código penal. Outra faceta importante dos capoeiras era a sua relação com os políticos, trabalharam para eles e foram os responsáveis pela vitória de alguns grupos políticos no período imperial e republicano. Esses capoeiras se envolviam em conflitos por conta da capangagem política, em outros momentos com seus pares e ainda com a polícia. Os capoeiras também tinham relações com diversas manifestações culturais dentre elas o Boi-Bumbá em Belém. Desse modo, compreender a história da capoeira é perceber que a prática possuía diversas facetas e que passou por inúmeras mudanças, nas pessoas que praticavam, nos instrumentos utilizados, bem como no discurso que as autoridades elaboravam sobre a mesma.



ATIVIDADES

1. O código penal de 1890, através do capítulo XIII, tornou crime a prática da capoeira. Pesquise o mesmo e redija um texto analisando-o de acordo com aula que você leu.
2. Pesquise as características da capoeira angola e regional, e compare com as características da capoeira oitocentista.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na internet há o código penal de 1890. Como também bons sites com as características da capoeira angola e regional. Aconselhamos que pesquise em vários sites para poder fazer uma boa caracterização das capoeiras citadas.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos algumas organizações do movimento negro brasileiro, suas lutas e características.

AUTOVALIAÇÃO

Consigno apontar as características da capoeira nos oitocentos? E apontar algumas distinções entre a prática nas diversas localidades?



REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluisio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: O Globo/Klick Editora, 1997.
- CARNEIRO, Edison. **A sabedoria popular**. Rio de Janeiro: Instituto da Educação e Cultura Nacional do Livro. 1957.
- LEAL, Luiz Augusto P. **A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá do Pará Republicano (1888-1906)**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MAIA, Clarissa N. **Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas: o controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX (1850-1888)**. Dissertação de mestrado, Recife, 1995.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas; LIMA, Vivaldo da Costa (org.) **Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de Dezembro de 1938**. São Paulo: Corrupio, 1987, p.131.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**, Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, 1996
- PIRES, Josivaldo. **No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2005.
- REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 8 ed. Brasília: Editora de Brasília, 2004.
- QUERINO, Manuel. **A raça africana e os seus costumes na Bahia**. Salvador: P555 Edições, 2006.
- SAMPAIO, Gabriela. **Juca Rosa: um pai-de-santo na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 -1850)**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2002.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **Negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1930**. Rio de Janeiro: Access, 1999.